

2

110

A N A L Y S E

D A

PROTECCÃO DOS FRANCEZES,

Para desengano dos seus apaixonados, reconciliação dos
Jacobinos

COM OS

VASSALLOS FIEIS,

E perpétua união destes contra os Conquistadores.

SEGUNDA PARTE.

*Fiant, sicut puer, inimici Domini mei Regis, et uni-
versi qui consurgunt adversus eum in malum.*

Lib. 2. Reg. Cap. XVIII. v. 12.



87

LISBOA,
NA IMPRESSAM REGIA.

1 8 1 1.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

A N A L Y S E

PROTEGE O DOS BRASILEIROS

Esta obra contém os dados necessários para a classificação dos
livros

com os

VASSALINHOS TITULOS

Em conformidade com o decreto de 18 de Setembro de 1850

SEGUNDA PARTE

Esta obra contém os dados necessários para a classificação dos
livros

Em 1850, no Rio de Janeiro, na Typographia Nacional



LITOGRAFIA

NA IMPRESSA REGIA

1850

Com o preço de 1000 réis

P R O L O G O

A O L E I T O R .

N ão pareça superfluo segundo Prologo , pois as circumstancias o permitem. He o Prologo dos Livros , hum breve discurso feito aos Leitores , no qual se mostra os motivos , que obrigãrão ao Author a publicar a sua Obra. Estes motivos nem sempre são os interesses particulares ; porque as mais das vezes , he a utilidade pública. E sendo assim temos huma acção bem ponderada na Sagrada Escriptura no exemplo da luz posta em lugar público para utilidade dos que a vêem. Assim a utilidade que podemos tirar desta leitura , he não dormir , quando devemos combater juntos com os nossos irmãos já em campanha , para sahirmos com elles vencedores. E se a isto nos impossibilitão causas urgentes , veremos no seguinte exemplo , como sem ir á batalha , alcançaremos o que desejamos.

Desejão os Israelitas ter hum Idolo. E que fazem? Fallão para este fim com Aarão. Este lhes diz: Tomai as jóias , ou brincos de ouro de vossas mulheres , e de vossas filhas , e trazei-mos. O' Portuguezes , vamos reparando bem neste exemplo! Dizem os Expositores Sagrados , que Aarão pedindo os mais preciosos ornatos do sexo femenino , esperava que da parte deste houvessem suas duvidas , e entrevindo demora se deixasse o povo de Israel do que pertencia. Mas pelo contrario. Os pais de familias forão promptos em tomar de repente os preciosos brincos

das orelhas de suas mulheres, e filhas, para com a mesma pressa os levarem Aarão. Assim o diz o Texto Sagrado. = *Fecitque populus, quae jusserrat, deferens in aures ad Aaron.* = Ah! Portuguezes! Haverá á vista de tão forte exemplo, quem goste de comer com colheres de prata, e de se ornar com cadeas de ouro?

He certo que já se tem dado muito, porém ainda não basta; porque a nossa luta continúa. E todos sabem que a guerra se sustenta com muito dinheiro, e que para este he preciso prata, e ouro. E não póde ser de outros metaes, como podia ser o Idolo dos Israelitas. Mas porque estes querião hum Idolo, não negarão tão importante metal. E nós que queremos a paz, como negaremos, ou duvidaremos de dar os mesmos metaes para se fazer a guerra, e haver a paz? Portuguezes, tende este Prologo pelo refinado som, que Tyrteo deo ao seu Clarim, a fim de que os Lacedemonios se esforçassem, e ganhassem huma batalha contra os Póvos Messenios, quando estes já estavam para sahir vencedores.

A primeira, e segunda parte desta Obra mostram o proceder dos Francezes sobre os Póvos que governão. Esta experiencia temos nós. Lembremos-nos pois do ferreo Governo Francez. E lembremos-nos que he mais forte o ouro. Entreguemos por tanto a nossa prata, e ouro ao Sabio Governo Portuguez, para que possa fazer inuteis os enredos dos Francezes.

Vale.

TEndo chegado a nossa Analyse ao ponto mais lamentavel, em que Portugal se vio no anno de 1808, pois não podia ser desgraça maior, que estar ausente o Nosso Principe, cuja Magestade, na linguagem do Imperador Justiniano, já neste Reino não era ornada, pois que não tinha Tropa Nacional, e o representante do seu usurpador, isto he, o General Junot teve a ousadia de publicar na Gazeta de Lisboa de 17 de Maio, do referido anno, que as Tropas Hespanholas reunidas com as Francezas, fazião as públicas attentões. Mas estas erão lagrimas sem consolação, indicando tudo a vir a ser deserto. As Igrejas forão então despojadas dos seus ornatos de maior valor de ouro, e prata; e todo o Reino o hia a ser dos seus Nacionaes, que podessem servir a Napoleão em outros Estados, para não esmagarem neste as suas Aguias orgulhosas. Assim fallou-se logo em huma nova conscripção, ou recruta de cincoenta mil Portuguezes, que deverião deixar os proprios lares, marchando ás ordens dos Francezes, que nos conduzirião em prizões de nova, e horrivel invenção, cuja fórma se chegou depois a fazer pública pela estampa no supplemento á Minerva Lusitana datada em Coimbra aos 30 de Setembro de 1808.

Aqui pois finalizamos a primeira parte da nossa Analyse, exclamando vingança contra os Francezes, e agradecendo á nossa Amiga tantos, e tão grandes beneficios. E ná verdade não ha cousa mais agradavel, do que o reconhecimento do beneficio recebido, nem cousa mais attendivel, do que a fidelidade ao

Principe. Ser ingrato, e ser infiel parece a mesma cousa, porque o ingrato nunca foi fiel. Ora a Nação Portugueza foi, e he fiel ao seu Monarca, logo foi, e he agradecida ao Rei da Gran Bretanha, o qual tanto a tem ajudado, que por isso mostra huma fortaleza invencivel. Aqui poderão dizer alguns Portuguezes menos agradecidos, ou mais vangloriosos, que nos tempos antigos resistimos a numerosos Exercitos, já de Europeos, já de Africanos, sem soccorro estranho. Mas estas maravilhas não acontecêrão sem milagre. Pois vendo Deos a necessidade que tinhamos de soccorro, mandava aos Anjos, que nos ajudassem, ou invisivel, ou visivelmente, como aconteceu ao nosso Primeiro Rei D. Affonso Henriques na Era de 1167. (Chron. de Cister Cap. XVIII. pag. 627.) quando batalhava contra Albaraque Rei de Sevilha, que com hum poderoso Exercito de Mouros Andaluzes, e Africanos, veio mettendo a ferro, e fogo as Terras de Alentejo, sem perdoar a homens, nem a brutos, nem deixar em pé arvores fructiferas até chegar perto de Santarem, onde estava o nosso Rei; que chegando-lhe tão tristes novas trazidas pela gente que vinha fugindo dos Campos attonita do excessivo numero de barbaros, mandou a Lourenço Viegas, filho de seu Ayo Egas Moniz, que com a gente de cavallo em numero de cento e noventa, e mil e oitocentos de pé, sahisse dos muros de Santarem para se dar batalha: E como este pequeno Exercito foi o maior que de repente se pôde ajuntar, não foi a batalha logo decidida, ainda que se desordenassem os inimigos. Estes porém forão totalmente desbaratados na segunda acção, a que assistio EIRei D. Affonso Henriques, levando de mais hum Esquadrão, ou Batalhão de Cavalleria: Foi tão grande a confusão que EIRei D. Affonso batalhou por fim a pé

e mettido no maior perigo , por se tirar do Coche em que hia ; porém junto de si apparecia hum braço , movendo hum espada , que fazia nos Mouros o maior estrago ; e por isso fugio o seu Rei do combate , deixando aos Portuguezes com a victoria. Neste tempo foi instituida a Ordem da Ala , em honra de S. Miguel , a quem no dia antes da batalha , tinha o nosso Rei tomado por particular advogado em tão ardua empreza , cujo soccorro foi depois visivel a todos ; e por divino o contáráo. Eis-aqui como Deos ajuda aos que invocão os seus Santos , em quem Elle he admiravel. Nestes nossos tempos porém talvez faltaria a invocação , a que antigamente logo se recorria , que era aos Espiritos bemaventurados ? E com effeito achamos o acerto dos nossos antepassados , que tanto fizeram , sem soccorro estranho. E se deste agora dependemos ficaremos mais empenhados do que elles ficarão nas fundações de tantos Mosteiros , quasi todos para honrar a memoria dos Santos , que nos seus conflictos invocavão. Vejam agora lá os libertinos qual soccorro sabe mais barato , e com qual se alcança mais depressa o desejado fim. A nossa luta continúa ; he pois preciso recorrer primeiro a Deos , e não attender aos Francezes , nem ás suas favoraveis promessas , que sempre serão falsas , como feitas , por quem a primeira vez nos enganou : Logo pois que não havia quem representasse em nome dos Portuguezes , estavam estes sujeitos ao General do Exercito Francez , que usava de toda a authoridade para metter medo , a fim de que se lhe desse muito dinheiro , e o hia recebendo para a contribuição dos quarenta milhões , sem nunca dizer quanto faltava. As suas imposições devião ser pagas aos terços ; mas nunca fez público na Gazeta quanto importou o que recebeo do primeiro terço , e muito menos do segun-

do, que não chegou a cobrallo todo, como lamentou o tal General no seu Decreto de 5 de Abril de 1808. Para pena nossa mais lamentavel não poderão deixar Ministros Portuguezes de ser instrumentos destas extrucções tyrannicas, servindo de Fiscaes das parciaes contribuições, cujo total de cada Collectado devia ser repartido em tres partes, e cobrado por tres vezes, em differentes tempos, como se vê nos Artigos 9 10 e 11 do seu Decreto do primeiro de Fevereiro de 1808. e que por isso se chamavão terços; sendo alguns Collectados obrigados a pagar logo tudo de huma vez, pelo que respeitava aos Predios rusticos, cuja cobrança dava mais trabalho por ser fóra de Lisboa. A Providencia porém permittio que não se ultimasse a cobrança do segundo terço, nem chegasse o nosso captiveiro ao principio do pagamento do terceiro, para o qual se concederia larga prorrogação, ou espera como a que foi concedida para o segundo terço, pelo Decreto de 5 de Abril de 1808. Entendendo por isso o dito General Junot que viria a ser amado dos Portuguezes. Mas estes, por medo, apenas o tratavão com attenção, conhecendo todos quam fantasticos erão os seus beneficios. Delles parece todo cheio o seu Decreto de 9 de Março do dito anno, o qual mandou publicar para bem de toda a pessoa, que como diz no primeiro Artigo, podia reclamar perante a Junta do Commercio, julgando-se desproporcionadamente taxada. No sexto e ultimo Artigo do mesmo Decreto diz: que a dita Junta distribuiria pelas pessoas, cuja taxa se achasse desproporcionadamente menor que a do Reclamante, a somma dos abatimentos, que elle houvesse de conceder. Ficava entendido que o favor feito ao queixoso, ou Reclamante pelo General Junot, não era para este deixar de receber o abatimento, que se julgasse; pois

no mesmo Artigo mandava que esse abatimento qual-quer que fosse o distribuiria a Junta por outras pessoas, em quem achasse desproporção. Como se entenderia por fim a Junta do Commercio com calculos tão arbitrarios !. . . Outro igual disparate vemos na Gazeta de Lisboa de 27 de Maio do referido anno de 1808. He huma attenção de Bonaparte aos Portuguezes, perdoando-lhes ametade da contribuição dos 40 milhões de cruzados, que lhes impozera. E como havia de ser cobrada conforme o uso deste tempo, metade dinheiro metalico, e metade papel moeda, perdoa esta por valer menos a quarta parte, que a outra, que por ser só metal lhe faz mais conta. E ao seu General Junot tambem fazia cá boa conta ir cobrando, como dantes, e mettendo os Portuguezes em brios, como persuadio na mesma Gazeta, dizendo: que devia cada hum pagar com novo zelo nas épocas indicadas, a parte restante da contribuição, que por isso mesmo vinha a ser huma divida mais sagrada. = Logo por estas expressões da sabedoria Franceza, tinhamos obrigação de continuar com o que restassemos da dita contribuição, posto que estivesse já ametade perdoada. Com tudo poderia ser que no fim, ao receber o terceiro terço, fizesse algum abatimento, visto que então tambem pertendia pagar aos Negociantes os dois milhões do emprestimo forçado. Mas quem não conhecia já neste tempo, que por força nos roubava? . . Não havia quem empregasse em trabalho algum a pobreza. O General Francez conhecia ser elle a causa, dava por isso esmolas avultadas, e segundo as informações dos Parrochos das Freguezias. Deste modo se fazia mais pública a sua benevolencia. Esta porém não podia ser bem acceita na presença de Deos, que não quer sacrificio, de quem vive em odio: E que maior que o dos Gene-

raes Francezes, vindo contra o nosso Principe, para lhe aniquilarem este Reino, como com frivolos pretextos tem feito a outros Monarcas? Isto só acontece, quando ha pouco escrupulo na escolha dos meios para se conseguirem os fins, que se desejão; e não obsta que seja por cavillação, e aleivosia.

Fernando VII. soffre a desgraça mais lamentavel: E sendo descendente de Luiz XIV. mais razão tinha a Hespanha para governar a França, do que tem esta em a pertender sujeitar. Não o conseguirá com tudo, porque os Hespanhóes combatem pela propria Patria, cuja felicidade redunda na de seus Cidadãos, que achão nas desgraças mais seguro refugio, desentranhando de si proprio o valor que hão mister. E á vista destes esforços não poderá haver felicidade, sem que os Francezes se abstenhão de conquista, preocupados com interesses de idéas mal concebidas. E na verdade, não poderá ter bom effeito a nova confiança nos Exercitos Alemães, pois que os Reinos entrão na época da sua ruina, quando levão á guerra as Tropas dos Reis alliados em maior numero, que as proprias, como aconteceu a Carthago, quando principiou a decahir; e posto que escolhesse de cada Paiz as Tropas que tinhão melhor merecimento, e credito, estas com tudo não obravão com o necessario zelo, expondo-se aos maiores perigos por huma Republica, que havião por estranha. Este exemplo tem agora lugar para desengano daquelles, que se atterrão, ouvindo fallar em chegada de Exercitos Francezes, cujo numero quasi sempre he fantastico.

Que dirião as nossas Provincias, ou mais capacitadas as outras Nações, lendo a Gazeta de Lisboa de 27 de Junho de 1808, e a de 31 de Maio do mesmo anno. Achando na primeira que o General

Junot passára revista geral ás suas Tropas , que cubrião as immensas Praças do Rocio , Terreiro do Paço , além de muitas ruas contiguas , quando nesta segunda Praça cabião não só todas as Tropas Francezas , mas até as Hespanholas , que vierão a Portugal ? Porém nesta occasião as Tropas Francezas se postarão não em batalhões , mas sim em filas. Na segunda Gazeta dita , achando , ou lendo as Nações estranhas o admiravel projecto da nova organização de hum Corpo de Exercito , que Bonaparte hia a formar com nome de Legião Portugueza , contendo dez mil centenares de soldados ; como ficarião attonitas , vendo que isto era por occasião , sem dúbida , do immenso numero de Tropa , que tinha hido de Portugal para França , onde havia de guarnecer as suas Provincias Meridionaes ? E como por similhante conta dez mil centenas , faz hum milhão , daqui ficarião entendendo que hirião de Portugal ao menos cem mil homens , para com outras iguaes , ou maiores recepções se formar tão grande Corpo de Exercito. Com tudo nós sabemos que não passarião muito de dez mil soldados , que tiverão a desgraça de sahir deste Reino para tomarem o caminho de França ; e destes forão muitos que se encaminhárão melhor , pois lá chegárão poucos. E senão lêa-se a Gazeta de 3 de Junho de 1808. que por ella soubemos da chegada a Bayona de hum só Regimento Portuguez , a que Bonaparte passou revista na manhã de 22 de Maio , tendo antes assistido com a Imperatriz daquelle tempo a hum banquete dado aos Militares do dito Regimento , e aos da Guarda Imperial. He verdade que o General Junot soube logo que á França tinham chegado poucos Soldados Portuguezes : E que extra- viando-se na Hespanha se havião por fim de recolher a Portugal ; por isso mandou acauteladamente no seu

Decreto de 27 de Abril de 1808. que, para se evitarem roubos que fizessem os desertores; se estabelecessem para estes em todo o Reino novos Quartéis para os receberem, como em deposito, até que se formassem Corpos, pelo menos de cem homens, que tornariao a seguir o seu primeiro caminho até o Quartel General das Divisões Portuguezas em Salamanca, aonde receberião novas Ordens. Mas esta fraudulencia não teve o seu desejado effeito; antes nós tivemos por esta occasião excellentes Mestres, os quaes forão os nossos irmãos, que nos Depositos estabelecidos pelo tal Decreto, nos ensinarão o uso das armas: E depois ás Ordens do nosso legitimo Governo, como se vê no Edital de 30 de Setembro de 1808; e nas providencias dos Decretos de 6 e 22 de Outubro do mesmo anno; se organizarão novos Regimentos Portuguezes, os quaes com o soccorro dos nossos Alliados (os victoriosos Inglezes) são capazes de arrostar os perigos, combatendo, como já tem feito contra os Francezes, nossos fingidos protectores. Bem quizerão elles fingir, ou dissimular o escarneo que os Inglezes fazião do muito que se acautelavão nas Fortalezas do Porto de Lisboa; e da confiança, que tinham na Armada dos Russos, que com boa fé tinha entrado neste Porto, consentindo nisso o nosso Principe, porém... Com tudo, por effeito de huma singular Providencia, teve o Exercito Francez demora no caminho, pelas grandes cheias do Rio Zêzere, e nós por isso tivemos a fortuna de ser a mesma Real Familia salva com ajuda da Esquadra Ingleza, que chegando opportunamente, forão humas Náos Inglezas acompanhando a nossa Esquadra, em que hião Sua Magestade, e Altezas para o Rio de Janeiro; e ficarão outras Náos da mesma Esquadra Ingleza, bloqueando este Porto para não escapar a dita Ar-

mada Russa , composta de nove Náos , e duas Fragatas , até ser apreçada , como com effeito foi , depois de derrotados os Francezes. Em cujo tempo , não esperado por elles sahio o segundo supplemento á Gazeta de Lisboa , com data de 17 de Agosto de 1808 , noticiando a partida do General Junot no dia antecedente pelas 5 horas da manhã para o seu Exercito (que já andava a tombos nesse tempo ,) a fim de certificar-se pessoalmente , do que vinha a ser o desembarque d'Inglezes , effectuado na Figueira ; pois senão capacitava o tal Junot , como dá a entender ; que houvesse perto de Lisboa sitio para desembarque mais accommodado , do que a entrada pela Barra. Porém os Inglezes não pertendião que em Lisboa se derramasse sangue ; pois que já tinham havido lagrimas , para que elles concorrerão , vindo apressar a sahida do nosso Principe , ainda que pelo livrarem de seus , e nossos inimigos. Quizerão pois agora dar-nos só prazeres , como assim , graças ao Ceo , aconteceo em consequencia das batalhas da Roliça , e Vimieiro , onde os Francezes ficarão derrotados : Merecendo aqui grande elogio o valor , e intrepidez dos Portuguezes , que na vanguarda do Exercito Inglez arrostarão os maiores perigos com assombro dos mesmos Francezes , que se derão por perdidos na ultima batalha do dia 21 de Agosto de 1808. conhecendo então o General Junot os bons effeitos , que produzião , huma chicara de chocolate pela manhã , e á noite hum copo de agua ardente , com hum pedaço de pão , dado quotidianamente aos Portuguezes , que se retiravão para a Esquadra Ingleza , como elle tinha feito público , por zombaria na Gazeta de 3 de Junho do referido anno. Mas estes Portuguezes se livrarão fugindo do jugo Francez , para depois nos virem libertar do mesmo jugo , porque erão

nossos irmãos, e dignos do nome Portuguez; assim como são indignos deste nome todos os espantados, que se empenhão em infundir o medo, e terror para proveito do Tyranno. E que farião estes assustadores se vissem, como os nossos antepassados virão o Mauritano Miramolim, não chegando, mas entrando, ou inundando este Reino, com quatrocentos mil cavallos, e quinhentos mil infantes? Todos porém forão desbaratados pelo Nosso Rei D. Sancho I. E para não duvidar-mos desta victoria, basta só ver o Retrato daquelle Monarca. A sua presença era temerosa, e respeitavel. Temerosa aos inimigos, e respeitavel aos Vassallos. Ah! Portuguezes, haja respeito aos Soberanos, e tudo se vence! Vencemos os dois Reis Mouros de Sevilha, e de Jaen (Cidade Episcopal de Andaluzia, que antigamente se chamou Reino) sendo nosso Monarca o Senhor D. Affonso II: E posto que os inimigos se chegarão a aquartelar em Elvas, não nos aterrarão tão numerosos Exercitos para os derrotar-mos em batalha campal, mas entrando as Armas Portuguezas vencedoras por suas proprias terras pozemos a ferro, e a fogo toda Andaluzia. Vencemos marchando (oh que brilhante scena!) ao lado do nosso Rei D. Affonso IV., até chegarmos a Sevilha, onde El Rei D. Fernando de Castella, a quem o Nosso ajudava, temia a multidão dos Barbaros, e duvidava da victoria, que nós lhe ganhamos, pois que fomos em seu soccorro. Vencemos quando o Senhor D. João I. sujeitou á sua Coroa a famosa Cidade de Ceuta. Vencemos quando o Senhor Rei D. Affonso V. não só tomou Alcazer aos Mouros, mas até se fez senhor de Tangere. Vencemos... Mas para que entramos em narração tão prolixa? Acaso para não temermos os Francezes, he necessario tantos exemplos? E quando aca-

baríamos se principiássemos a fallar dos combates navaes ? Sempre são mais arriscados : Elles derão maior gloria a Portugal. Leão-se pois os Fastos da Lusitania , e ahí veremos ganhadas as batalhas navaes , que tivemos contra os Arabios ; contra os Persas ; contra as Armadas dos Rumes de Cambaya , e Calecut ; contra os Malabares ; contra os Hollandezes ; contra . . . Mas não he possível em tão breve opusculo dizer muito , e ainda muito significaria pouco. Digamos pois pouco que signifique muito : Deos he admiravel nos Portuguezes ! . . . Sim , porque sem Deos nada se alcança , que feliz seja. Recorramos pois a Deos , e logo seremos tão bem succedidos , como os nossos antepassados. Purifiquemos por Deos os nossos corações da luxuria , e do odio , da murmuração , e da inveja : Compadeçamos-nos dos nossos semelhantes acudindo á pobreza. Deos acudirá ao nosso Reino ; e o fará florecer , como cousa sua : E não se arrependerá então de assim o ter prometido ao Nosso primeiro Monarca.

F I M.

Na primeira parte pagina 13 linha 14 em lugar de lembrança ; lêa-se : cobrança. E na pagina 15 linha 23 em lugar de alguns ; lêa-se : dos.

